

Outono em Visita/Otonõ de Visita *de Josefa de Maltezinho*

JOSEFA DE MALTEZINHO (2018). *Outono em Visita/Otonõ de Visita*. Trad. Xavier Frias-Conde. Toledo: Ianua Editora, 64 p.



Um título bem escolhido constitui o cartão de visita de uma obra, porque sugere o conteúdo, revela o tom do texto e cativa o leitor. A mais recente coletânea de poemas de Josefa de Maltezinho, pseudónimo de Julieta Aleluia, chama-se *Outono em Visita*. Trata-se de uma expressão desafiante, pois suscita diversas questões. Quem visita quem? Será o outono que bate à porta do sujeito poético? Ou, pelo contrário, é este que caminha ao encontro do tempo frio? No título, a palavra «Outono» refere-se à estação? Ou aludirá à fase da vida em que a poeta se aproxima da luz de Saturno?

Uma leitura atenta das composições do livro revela que esse outono é, simultaneamente, a estação do ano e a idade da autora, ambas tingidas por recordações em tons de sépia. Neste contexto, algumas vezes, o sujeito poético *revisita* instantes da sua existência. Outras, sucede o oposto, e são as recordações que *visitam* a autora, dando azo à criação literária.

A melancolia de Maltezinho não é estática, nem se esgota na contemplação. Pelo contrário, a autora arquiteta uma tensa dialética entre o presente e o passado, revelando um ser humano em perpétua *construção*. A epígrafe da obra, extraída do poema «Motivo», da escritora brasileira Cecília Meireles, vai nessa linha, ao mostrar o mais vivo conflito: «Se desmorono ou se edifico / se permaneço ou se me desfaço, / — não sei, não sei. Não sei se fico ou passo» (Meireles, 2001, p. 9).

A melancolia que cresce entre os versos de Maltezinho é aquela que o escritor John Keats, um dos expoentes do romantismo, classifica de *criativa*.

Este sentimento é percebido como uma capacidade artística, tão preciosa quanto invulgar, que permite ao autor converter as experiências num texto literário. Assim, o que outrora foi sombra ou dor é, através da alquimia da escrita, transmutado na poesia mais iridescente. Tal agrada tanto ao leitor que, afirma Keats, em «Ode à Melancolia», «A alma dele degustará a tristeza dela» (Keats, 1988, pp. 172-173, trad. minha).

Este sentimento, associado ao outono, perpassa a generalidade dos poemas que integram a coletânea, mas assume destaque em três textos: «Entardecer», «O tempo», e no poema que concede título à obra, «Outono em Visita» (Maltezinho, 2018, pp. 5, 16, 12). Para não subtrair ao leitor o prazer de fruir o livro, cingir-me-ei a uma breve abordagem das referidas composições, salientando dois aspetos: na forma, a musicalidade; no conteúdo, a melancolia.

O poema «Entardecer» transporta o leitor para o momento final de uma jornada em que a noite já se anuncia, podendo ser também entendido, no plano simbólico, como o «outono da vida». Tal como sucederá noutros textos, a autora começa por criar uma atmosfera propícia à contemplação e à memória:

Gosto daquele momento em que o dia apanha o barco
até ao outro lado do mundo,
quando se põe em bicos dos pés debruado no alpendre
sobre vasos de hortênsias e sardinheiras
observando de fugida a dança nupcial das libélulas,
gosto quando se deita com a passarada a amolentar o voo
no musgo tenro dos telhados, na cama de folhas secas,
ou estende a capa cinzenta sobre a lenta procissão
dos homens atafalhados de desprazeres
(Maltezinho, 2018, p. 5)

Contrariamente à massa pressurosa que regressa a casa, indiferente aos pequenos milagres da vida, o sujeito poético constela-se na paisagem, descrita com pormenores imagéticos («o dia apanha o barco até ao outro lado do mundo»), verbos sugestivos («a passarada a *amolentar* o voo») e adjetivação verbal expressiva («homens *atafalhados* de desprazeres»). Essa atenção ao real, nas palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen, ou capacidade para contemplar as coisas invisíveis, segundo Eugénio de Andrade, é própria dos melhores poetas, em sintonia com o espírito do lugar.

Porém, o regozijo da poeta é tão efémero quanto o momento da jornada, e o dístico final chama-a, cruamente, de regresso à realidade: «e chega a noite

por mansas pontes, / perde-se o dia de vista» (Maltezinho, 2018, p. 5). Tal queda no mundo, após momentos inefáveis de alheamento, é uma constante nos diversos textos desta coletânea.

Outra composição exemplar da melancolia criativa intitula-se «O tempo». Trata-se de um poema mais breve do que a média dos restantes, transmitindo, como tal, a sensação de uma memória fugaz. Nos primeiros versos, a época das vindimas, em setembro ou em outubro, faz a ponte para o outono, evocando uma cena em que duas pessoas se afadigam na colheita:

Vindimámos a cepa ao pé do poço,
colhemos as maçãs vermelhas do pomar,
dançámos tanto à chuva sem nos molharmos,
sem reprimir o “strip-tease” da trepidação dos corpos,
que deixámos correr um singular desígnio de que
aquele que elevava o olhar acima dos lancis
e arqueava o rumor das cordas,
o som tangível das harpas, era Davi.
(Maltezinho, 2018, p. 16)

Nestes versos, ressuma a musicalidade, através do paralelismo estrutural («Vindimámos», «colhemos», «dançámos»), das sibilantes («a cepa ao pé do poço»), e da referência bíblica à harpa de David, o jovem pastor e músico. O recurso ao pretérito imperfeito, um tempo verbal particularmente adequado à evocação, impregna o texto com um tom lendário.

Porém, à semelhança de outras composições da obra, os momentos mais prazerosos cedem, com frequência, lugar à disforia. Tal ocorre nos derradeiros versos dos poemas, criando um anticlímax e um duro regresso ao real. Aqui, a foice da efemeridade corta cerce a memória, perante a impotência do sujeito poético. O aforismo final, apartado por uma linha em branco do resto do texto, constitui um desabafo: «Afinal o tempo, meu amor, é tão-somente erva daninha» (Maltezinho, 2018, p. 16).

Reservei, para concluir, o poema «Outono em Visita», um dos mais conseguidos do ponto de vista literário. Trata-se de uma composição musicalmente encantatória, de ritmo lânguido e versos extensos, que recria fónica e visualmente a atmosfera do outono. As estrofes de abertura convidam, desde logo, a uma contemplação aprazível:

Nestes dias de morte silenciosa no início,
prenúncio da vida que passa agora
aureolando o frio arisco a insinuar-se pelas frinchas,
que bom subir a gola do casaco de lã
e aquecer os joelhos
ao sol aprazível que entra pela varanda.

Que bom ficar nela quieta e calada
a entregar os olhos à copa ruiva das árvores
que se despem sobre o rio que daqui vejo,
largar o pensamento à lengalenga do vento
que despenteia a roupa nas cordas
e bem mais alto que os estorninhos
seguir a rota imaginária de qualquer avião
(Maltezinho, 2018, p. 12)

Na globalidade, o vocabulário empregue contribui para, nas palavras do poeta norte-americano Edgar Allan Poe, extraídas do ensaio *A Filosofia da Composição* (1846), criar uma «unidade de efeito» (Poe, 2003, p. 433). Trata-se de uma estratégia lírica ou narrativa para, apontando todas as palavras e figuras de estilo na mesma direção, gerar uma atmosfera *única* na mente do leitor (Poe, 2003, p. 433).

Neste caso, transmite-se a *melancolia*, o envelhecimento ou mesmo o inelutável fim. Atente-se em expressões como «dias de morte silenciosa», «vida que passa» ou «copa ruiva das árvores», que evocam imagens sazonais. Tal suscita no sujeito poético uma reação introspectiva perante o espaço paisagístico, como sugere a bela imagem «largar o pensamento à lengalenga do vento».

Em suma, *Outono em Visita*, de Josefa de Maltezinho, constitui um conjunto de poemas evocativos das memórias de um tempo fugaz. Certas ocasiões, como o entardecer do dia ou os tons auricolores do outono, propiciam uma atmosfera contemplativa, convidam a memória a visitar o sujeito poético, e suscitam uma reflexão sobre o fluir dos anos. Como se lê num dos poemas, são «coisas passadas», «por entre a nossa repartida solidão» (Maltezinho, 2018, p. 14). Que essa *partilha* se faça, página e página, na sensibilidade e na mente de cada leitor.

Bibliografia

- Keats, John. (1988). In John Barnard (Ed.). *Selected Poems* (pp. 172-173). London: Penguin.
- Maltezinho, Josefa. (2018). *Outono em Visita/Otonõ de Visita*. Trad. Xavier Frias-Conde. Toledo: Ianua Editora.
- Cecília Meireles. (2001). *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Poe, Edgar Allan. (2003). “The Philosophy of Composition”. In William Harmon (Ed.), *Classic Writings on Poetry* (pp. 431-440). New York: Columbia University Press.

*João de Mancelos**

* Professor universitário e escritor.